



A ÁRVORE DE TAMOROMU



À minha amiga Simoni Boer, que me incentiva, critica, acompanha, enriquecendo sempre o meu trabalho. Obrigada pelas suas contribuições fundamentais para esta narrativa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L146a

Lacombe, Ana Luísa.
A árvore de Tamoromu / Ana Luísa Lacombe ; ilustrações Fernando Vilela. - 1. ed. - São Paulo : Formato, 2013.
24 p.: il.; 28 cm.

ISBN 978-85-7208-846-6
978-85-7208-847-3 (professor)
1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Vilela, Fernando, 1973-
II. Título.

13-02062

CDD: 028.5

CDU: 087.5

8ª tiragem, 2019

A ÁRVORE DE TAMOROMU

Copyright © Ana Luísa Lacombe, 2013
Ilustrações © Fernando Vilela, 2013

Gerente editorial: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira
Editora-assistente: Andreia Pereira
Auxiliares de serviços editoriais: Flávia Zambon e Laura Vecchioli
Estagiária: Gabriela Damico Zarantonello
Revisão: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)
Produtor gráfico: Rogério Strelciuc

Projeto gráfico de capa e miolo: Fernando Vilela
Digitalização de imagens: Carina Tiyoda
CD de áudio - Trilha sonora incidental, direção musical e produção: Sérvulo Augusto
Impressão e acabamento:

Direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.
Av. das Nações Unidas, 7221 - Pinheiros
CEP: 05425-902 - São Paulo - SP
Tel.: 4003-3061
atendimento@aticasipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem o consentimento por escrito da editora.

CL: 811119
CAE: 577064



A ÁRVORE DE TAMOROMU

Ana Luísa Lacombe

Ilustrações Fernando Vilela

1ª edição

Formato

Apresentação

Seria tão bom se encontrássemos uma grande árvore provedora de todos os alimentos necessários para saciar a fome; ninguém precisaria trabalhar, plantar, fazer roça... As horas seriam só para brincar.

4 Esse é o mito dos Wapixana, recontado com graça e maestria por Ana Luísa Lacombe, com base no registro feito por D. Mauro Wirth, um missionário beneditino, em meados do século XX.

Cada povo tem seus deuses, sua explicação do mundo e da origem de tudo o que existe, como agricultura, água, fogo, cosmos, criação de homem e mulher. Nem os deuses são iguais, nem os mitos, nem as línguas. Só no Brasil há pelo menos duzentos e cinquenta línguas indígenas e cerca de trezentos povos. Na história da Árvore de Tamoromu, surge um deus importante: Tominikare. Podemos supor que os Wapixana tenham outros, que continuem narrando suas tradições, e que talvez agora as escrevam em sua língua e em português. A árvore mágica da fartura, que aparece nas páginas a seguir, é uma pequena amostra do universo fascinante que deve ser o deles.

Em muitos outros povos conta-se que os seres humanos descobrem uma árvore secreta, mãe nutridora que existe em seus galhos comidas variadas e saborosas ao alcance de quem desejar. Os Tupari, de Rondônia, por exemplo, dizem que havia no início dos tempos uma árvore do amendoim – era portentosa, e não a planta rasteira de agora. Seu forte tronco é que sustentava o céu e o separava da terra; se cortado, o mundo acabaria.

São árvores da vida, estranhas e preciosas. Talvez os deuses não tenham ensinado as pessoas a cuidar delas, pois hoje a humanidade (sobretudo os adultos) não hesita em ceifar florestas, na ânsia de devorar o que nos ofertam, como se os dons jamais se extinguissem. Se os deuses não nos ensinam, porém, o mito o faz, envolvendo-nos no encanto de uma era sem escassez, jardim de delícias.

5

Betty Mindlin, 13 de março de 2013.

Betty Mindlin é antropóloga, com doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e economista, com mestrado pela Universidade de Cornell. Há muitos anos trabalha em projetos de pesquisa e apoio a numerosos povos indígenas da Amazônia e outras regiões. Dedicase atualmente a escrever e a registrar com professores e narradores indígenas a tradição e a música desses povos.





Na Amazônia existe uma porção de aldeias indígenas. Os índios que vivem lá contam muitas histórias para os curumins, que são as crianças da tribo. Tem uma história que os curumins adoram ouvir: o mito da Árvore de Tamoromu. Era uma vez um pequeno filhote de cutia que vivia na mata. A cutia morava, toda encolhidinha, num buraco cavado na terra, bem embaixo de uma árvore. Um dia, dois curumins, que eram irmãos, estavam passando por lá e acharam a cutia.

Gostaram tanto dela que resolveram levá-la para a tribo. O pai dos curumins achou a cutia muito bonitinha:

– Bonitinha! – E resolveu fazer uma rede de onde ela quase não saía. Preguiçosa... dormia o tempo todo. E quando mexiam com ela, a cutia repetia:

– Ai, que preguiça...